



ARGENTINA: Modelo exemplar de retrocesso econômico

Ib Teixeira

Reprodução de matéria publicada na revista "Conjuntura Econômica", da Fundação Getúlio Vargas (Vol 42, Nº 8, de agosto de 1988).

Como sinopse, ela assinala:

"Ascensão, queda e decadência do mais rico país latino-americano. De como uma nação competidora dos Estados Unidos, na área do comércio exterior, vai este ano perder para o Chile. O fantástico poder de destruição da heterodoxia associada ao desregramento fiscal e monetário".

Provoca o leitor a especular sobre os efeitos dos dispositivos econômicos e sociais consagrados pela Constituição de 5 de outubro no processo de desenvolvimento do Brasil.

Antigo vice-reino do rio da Prata, a Argentina se estende por 2.778.417km² com uma população de 31 milhões de habitantes. Seu território se prolonga quase desde trópico de Capricórnio até o pólo Sul, marcado a leste pelo Oceano Atlântico e a oeste pela Cordilheira dos Andes,

onde chega a ter com o Chile uma fronteira de 4.400km. Ao norte, se limita com a Bolívia e o Paraguai, e a nordeste com o Brasil e o Uruguai.

Pela riqueza de seu território, recebeu o nome de Argentina, lembrando-se que prata em latim é *argentum*, sendo seu adjetivo ar-

gentinus. Antigo vice-reino do rio da Prata, o país se tornaria independente em 9 de julho de 1816, quando recebeu o nome de Províncias Unidas do Rio da Prata.

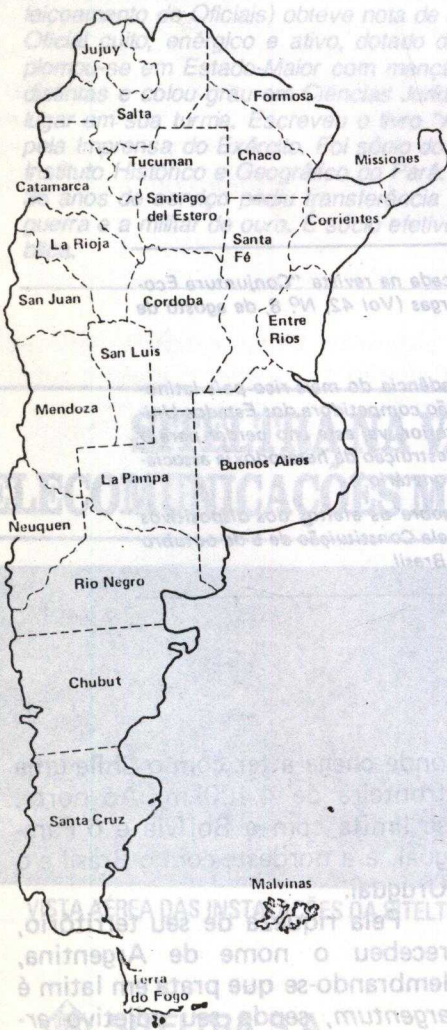
Administrativamente, está dividido em 22 províncias e um Distrito Federal com uma área de

apenas 192km², na qual está a cidade de Buenos Aires, capital do país. A população argentina é uma das que registra menor avanço demográfico na América Latina e em sua esmagadora maioria (72,6%) se concentra na região dos Pampas, onde está a capital federal. Seu grau de urbanização é também elevadíssimo, com 80% dos habitantes vivendo nas principais cidades.

O país sofreu uma grande influência da migração italiana que iria até mesmo alterar a pronúncia da língua, o espanhol. A Argentina é também um dos países latino-americanos de mais alto nível cultural. Sua universidade mais antiga, a de Córdoba, foi fundada em 1613.

Como habitualmente se comenta nos cafés da rua Lavalle, no centro de Buenos Aires, a Argentina é um país de muitos problemas e o maior deles talvez esteja em sua fantástica riqueza. De fato, ironias à parte, ao contrário do que acontece com qualquer "tigre asiático", campeão de crescimento econômico — que vai buscar no exterior quase tudo o que sua indústria transforma — a Argentina é auto-suficiente em tudo.

Sua riqueza começa na pradaria dos Pampas que fizeram o país ficar conhecido como o "celeiro do mundo". Em seu território rico de cálcio, cal e outros nutrientes, eles podem plantar do trigo ao café. Poucas terras são tão favoráveis à lavoura ou à criação do gado. Aliás, seu rebanho, estimado em



50 milhões de cabeças, supera amplamente a população nacional.

Mas a Argentina é também auto-suficiente em petróleo e seu potencial — 30 milhões de kW — é de dar inveja a muita nação rica. Além disso, o país conta com reservas incalculáveis de estanho, cobre, zinco, chumbo, gesso e outros minerais menos cotados.

Com a chegada a Buenos Aires de grandes correntes migratórias européias, no final do século XIX, a Argentina conheceu um fabuloso surto de progresso que se iniciou em 1880 e se projetou até os anos 30. Com os recursos de uma agricultura florescente, sua indústria de transformação foi, por essa época, a mais importante entre os latino-americanos. Grandes navios frigoríficos puderam, pela primeira vez, levar a carne portenha aos pratos europeus e norte-americanos. Outra presença agrícola foi marcada pelo trigo e as frutas.

Nos anos dourados da economia ocidental, a Argentina rivalizou com as grandes potências agrícolas: Estados Unidos e Austrália.

É o que se vê na tabela 1.

Por essa época, no velho mundo, a América do Sul era um pon-

to qualquer do mapa, mas a Argentina era a exceção. "Brasil, capital Buenos Aires", proclamava qualquer "bem-informado" observador internacional. Ainda recentemente nos anos 50, o estádio do Maracanã era conhecido como a obra do século... de Buenos Aires. Considerando-se as disparidades do desenvolvimento, era compreensível o equívoco. Buenos Aires havia inaugurado seu sistema subterrâneo de transporte coletivo — conhecido entre os portenhos como o *Sute*, por volta de 1910. Ou seja, bem antes que os norte-americanos ou franceses tivessem o seu metrô.

Enfim, o coração argentino conhecera a modernidade muito antes que muitas das grandes cidades norte-americanas ou européias. Como era natural, os argentinos orgulhavam-se de "Baires", a maior cidade hispânica do mundo. Ou do teatro Colón, "el mas lindo", ou da avenida 9 de Julio, "la más ancha (larga) del universo".

A crise dos anos 30

Por volta de 1929, a Argentina parecia estar plenamente con-

Tabela 1 — Exportações de cereais — 1923-33

País	Quantidade 1.000 t	% do total mundial
Argentina	3.305	14,8
Austrália	4.267	19,1
Estados Unidos	3.418	15,3

vencida de que acumulara suficiente riqueza e chegara a hora da distribuição. A crise econômica, embora tenha alarmado o setor agrícola, privado de seus tradicionais mercados europeus, não teve o mesmo impacto que o produzido em outros países, como o Brasil. O mercado interno absorvia boa parte da produção de carne e cereais.

Graças a isso, eles imaginavam que, por maior que fosse a crise econômica, maior era a crise política. Militares e políticos, inspirados pelas idéias de Mussolini, pediam um "Estado forte", o que, aliás, muito agradava as massas de imigrantes italianos, cada vez mais numerosas. No governo de Hipólito Irigoyen, antes de 1930, nascia a Yacimientos Petrolíferos Fiscales, empresa estatal gigante e exemplo para toda a América Latina... Só 20 anos depois surgia nossa Petrobrás...

Durante todos os anos 30, sucedem-se os governos preocupados com a ampliação do estado argentino. Traços comuns de todos eles: fraude eleitoral, desregramento financeiro e corrupção. Tudo isso iria prevalecer até a II Guerra Mundial, que surpreendeu os políticos do país fielmente vinculados ao chamado nazi-fascismo. Embora o embrião da atual Organização dos Estados Americanos (OEA), a Conferência Interamericana do Rio de Janeiro, tenha recomenda-

do em 1943 o rompimento com os países do Eixo, os argentinos não deram ouvidos ao pedido.

Além disso, a idéia de um "Estado forte" totalitário tinha muita força, pois o país começou bem cedo seu processo de estatização. Em 1862, por exemplo, estatizara o Ferrocarril del Oeste, construído a partir de 1857 pela iniciativa privada. É também um dos primeiros países a manipular o câmbio e usá-lo como instrumento de política econômica.

A economista Ruth Kelly, dos quadros da CEPAL, num interessantíssimo estudo sobre as diferenças entre o comércio exterior da Argentina e Austrália durante 1930 e 1960*, chegou a apontar a política cambial argentina como uma das causas de sua perda de gravitação no mercado mundial, notadamente no mercado britânico, uma espécie de filé mignon dos anos dourados. Enquanto os argentinos, seduzidos pelo poder do Estado, criavam uma comissão de Controle de Câmbios, em outubro de 1931 e posteriormente, em 1933, ditavam novos regulamentos, a Austrália manteve um sistema de câmbio simples, com a libra australiana assegurando a relação de 1,25 com a libra esterlina.

Enquanto a Austrália recorria a um imposto sobre as vendas da farinha de trigo para financiar as subvenções pagas aos produtores, os argentinos criavam um comple-

* El comércio exterior de la Argentina y Australia entre 1930 e 1960. *Naciones Unidas*.

xo sistema de licenças prévias, chegando-se em 1938 à completa abolição do mercado livre para as transações de mercadorias. Como havia diferenças notáveis entre os câmbios vendedor e comprador, os que manipulavam tal sistema logo foram acusados de locupletar-se com seus ganhos.

Segundo os historiadores, este foi um período em que um mar de lama submergiu políticos e partidos políticos. A onda de corrupção chegou a inspirar um compositor popular, Enrique Discepolo, com seu tango *Cambalache* que daria volta ao mundo, na voz de Carlos Gardel:

"Hoy resulta que es lo mismo ser derecho que traidor ignorante, sábio, chorro, generoso o estafador. Todo es igual! Nada es mejor Lo mismo un burro que um profesor!"

Outra causa do seu estancamento em relação ao resto do mundo, e principalmente em relação à Austrália, esteve na política

monetária que foi altamente expansiva no grande país do rio da Prata e francamente recessiva entre os australianos.

Diz Ruth Kelly:

"Outra diferença é que a Austrália se propôs um objetivo especial de distribuição do custo da grande crise em toda a economia. Este objetivo combinou com uma política deflacionária adotada no início dos anos 30, e embora ela tenha suscitado enormes críticas, o fato de haver compartilhado os custos serviu para o aceleração da recuperação."

Entre outras medidas adotadas pelos australianos, estava a diminuição obrigatória dos salários, o que estimulou, segundo a economista, as inversões. A Argentina, ao contrário, preferiu o recurso do imposto de renda cobrado pela primeira vez no país.

Mas como houve uma distribuição muito desigual da carga, o imposto de renda terminou provocando enorme crise, favorecendo

Tabela 2 — Argentina — política salarial justicialista

Ano	Aumento de salários em relação ao ano anterior	Evolução do custo de vida
	%	%
1946	36	19
1947	42	12
1948	36	13
1949	34	32

Fonte: CEPAL.

determinados setores em detrimento de outros.

Enquanto os argentinos buscavam e criavam novos mecanismos de intervenção no mercado, os australianos os rejeitavam energicamente.

Em 1930, uma lei que previa a criação de um fundo federal para o trigo e preços mínimos foi devidamente recusada na Austrália. O mesmo destino teria a legislação para regular as exportações de lã.

Naturalmente, haveria um custo social inicial diferente.

Assim, entre 1932 e 1933, o desemprego australiano bateu os 25%, enquanto na Argentina sempre esteve abaixo dos 5% o que, aliás, fez com que os portenhos continuassem cantando no inverno dos anos 30.

Duas diferentes políticas; dois diferentes objetivos.

Quais? Aparentemente, enquanto os australianos perseveraram no feijão com o arroz, buscando manter uma estabilidade essencial à continuidade de sua vinculação com o mercado internacional, os argentinos, talvez movidos por uma boa dose de arrogância, aspiraram construir uma economia auto-suficiente, bastante complexa voltada "hacia adentro", como queria o dr. Raul Prebisch, com sua meta de substituição de importações. Mas se os resultados das duas políticas econômicas foram terríveis para os argentinos — com sua via heterodoxa — terminaram beneficiando amplamente os aus-

tralianos, que já no final da guerra podiam dançar e tocar: dobravam a renda *per capita* de Buenos Aires. Atualmente, os números são ainda mais tristes para os argentinos, que têm apenas US\$ 2.230 *per capita* para os US\$12.740 do laborioso povo australiano.

A Constituição Justicialista

Quando tudo parecia indicar que a intervenção estatal e seu instrumental econômico seria abandonada em função de seus evidentes maus resultados, surgiu no panorama argentino um obscuro coronel do exército que trocava o comando de um destacamento de montanha na fronteira com o Chile pela política militante. "Mala suerte nuestra" — disse-me em Buenos Aires o grande escritor Jorge Luís Borges.

De fato, empolgando um grupo de oficiais, o coronel Juan Domingo Perón chegava a um ministério geralmente desprezado pelos políticos: o do Trabalho.

Nessa época, dele se aproximava Eva Duarte, e juntos iriam gravitar alguns anos entre os sindicatos argentinos. Quando um grupo militar impôs o afastamento de Perón do Ministério do Trabalho, Evita liderou um movimento popular que o libertaria e traria de volta ao poder. A partir daí, a ascensão de Perón é meteórica. Vice-presidente da República, ministro da Guerra e presidente da República eleito com 55% dos votos.

Tabela 3 — Produto interno bruto *per capita*, 1960-86

País	Dólares de 1986				Em relação percentual aos países da OCDE	
	1960	1970	1980	1986	1970	1986
Argentina	1.943	2.531	2.752	2.378	23,9	16,1
Bolívia	857	1.068	1.268	930	10,1	6,3
Brasil	981	1.382	2.486	2.525	13,1	17,1
Chile	1.853	2.275	2.463	2.306	21,5	15,6
Colômbia	747	926	1.277	1.338	8,8	9,1
Costa Rica	1.171	1.595	2.149	1.949	15,1	13,2
El Salvador	746	971	1.032	889	9,2	6,0
Equador	682	815	1.416	1.353	7,7	9,2
Guatemala	960	1.236	1.613	1.282	11,7	8,7
Guiana	735	869	974	714	8,2	4,8
Haiti	315	289	387	342	2,7	2,3
Honduras	560	703	875	777	6,6	5,3
México	1.327	1.815	2.523	2.496	17,2	16,9
Nicarágua	935	1.390	1.025	862	13,1	8
Panamá	1.063	1.803	2.434	2.531	17,0	17,2
Paraguai	953	1.172	1.964	1.829	11,1	12,4
Peru	979	1.264	1.374	1.249	11,9	8,5
Rep. Dominicana	717	998	1.432	1.316	9,4	8,9
Suriname	1.697	2.198	3.363	2.767	20,8	18,8
Uruguai	2.214	2.421	3.085	2.729	22,9	18,5
Venezuela	2.384	3.066	3.408	2.818	29,0	19,1
América Latina	1.207	1.623	2.289	2.145	15,3	14,5

Fonte: O PIB *per capita* da OCDE em dólares dos Estados Unidos a preços de 1986 foi estimado em US\$10.578 para 1970, US\$13.188 para 1980, US\$14.201 para 1985 e US\$14.740 para 1986. — OCDE, *Main Economic Indicators*, outubro de 1987.

Embora apoiado no exército, o verdadeiro poder de Perón estava na multidão de “descamisados” — operariado industrial —, nos grupos industriais protegidos pelo Estado e nos fabulosos recursos acumulados pelos argentinos com a venda de alimentos durante toda a II Guerra Mundial. Os chamados saldos de exportação.

■ No dia 19 de maio de 1949, a Argentina daria outro passo de

gigante no rumo de seu estancamento econômico: nascia a Constituição Justicialista, com seu famoso artigo 40, de intervenção do Estado na Economia. A partir de então, não havia nada no país que o Estado não pudesse fazer. Até mesmo a comercialização de grãos, que tanta riqueza dera à Nação, passa a ser totalmente controlada pela burocracia estatal. O furor nacionalista alcançava as estradas de ferro, empresas de comunicação,

gás, navegação fluvial etc. Para nacionalizá-las e ganhar aplausos da massa descamisada, o Estado pagava pelas companhias cifras consideravelmente maiores que o seu valor real. Com isso, foram desaparecendo os saldos de exportação.

A intervenção estatal também alcançou universo político e até mesmo a Suprema Corte argentina pôde ser depurada. Em forma lenta e gradual, as liberdades políticas iam desaparecendo na voragem da estatização. Mas Perón também sonhava com uma Argentina forte, e para isso editava dois Planos Quinquenais.

Na teoria justicialista o estado deveria fazer tudo de que a empresa privada era incapaz, e construir um vasto império de indústrias de base. Para consolidar seu poder político, o já então Partido Justicialista colocava seus melhores ativistas eleitorais à frente das empresas do Estado. Foi por essa época que nasceu no país o chamado *San Lunes*.

Ou seja, às segundas-feiras, os

trabalhadores podiam faltar ao trabalho sem que fossem drasticamente descontados em seus salários...

Para acéntuar a chamada "distribuição de renda", também se criou um complexo e custosíssimo sistema de previdência social. Aposentadorias precoces, benefícios absurdos e um faraônico sistema de educação e lazer para os trabalhadores eram financiados graças às pesadas contribuições do setor privado. Em pouco tempo, a Argentina conheceria grandes perdas de produtividade e competitividade.

Naturalmente, as cifras de investimento entraram em colapso (tabela 4).

Surge o apelo à ampliação do déficit público, recurso que eles jamais voltariam a abandonar. O país que durante mais de um século coexistira com a estabilidade seria, doravante, presa fácil da inflação e de sua causa primária, a expansão monetária.

Mas nem a farta distribuição dos recursos do Tesouro pôde sal-

Tabela 4 — Argentina — indicadores macroeconômicos em %

Ano	Déficit público PIB	Preços ao consumidor	Desempenho do PIB
1973	6,4	61,2	4,7
1976	9,4	443,2	-2,9
1979	3,5	159,5	8,7
1982	5,1	209,7	-5,3
1985	10,5	285,4	-4,7
1988	9,0	312,0*	—

* Junho 87/junho 88.

var o peronismo. A morte de Evita reduziu ainda mais o poder da sedução caudilhesca de Juan Domingo Perón. Finalmente, em setembro de 1955, o líder descamisado é deposto e abriga-se no Paraguai. Milhares de seus companheiros foram para a prisão e centenas terminaram fuzilados durante a sangrenta guerra civil.

Antiperonistas mas estatizantes

Paradoxalmente, se os militares antiperonistas se deixaram arrastar pelo ódio, sendo intolerantes na esfera política, no campo econômico — salvo períodos bastante curtos — coexistiram harmonicamente com as mais variadas formas de intervenção governamental.

Desse modo, os generais Lonardi, Aramburú, Onganía, Levingston e Lanusse conservaram basicamente os instrumentos intervencionistas do peronismo, como até mesmo ampliaram o rol das empresas estatais na vida do país. A única exceção entre 1955 (ascensão de Eduardo Lonardi) e 1972 (saída de Lanusse e volta do peronismo) foi o governo civil de Arturo Frondizi (1958) que tentou liberalizar a economia através de um conjunto de medidas que incluía a desvalorização do peso, a liquidação das taxas múltiplas de câmbio, a elevação das taxas de juros e a subordinação dos salários à

produtividade. Mas quando finalmente Frondizi começou a desmantelar as empresas estatais que mais contribuíam para o déficit público e pretendeu reduzir o número e o salário do funcionalismo, foi ele também preso e deposto.

Sem dúvida, tal comportamento dos militares foi bastante influenciado por uma série de mitos. O primeiro deles estava no poder dos sindicatos que tornaria impossível qualquer subordinação dos salários à real evolução econômica. É verdade que ainda hoje a concentração espacial da população é fantástica. Em Buenos Aires estão 35% da população do país e provavelmente uns 45% de seu PNB. A burocracia sindical peronista se apoiava em tal realidade.

Os outros mitos que haviam sido carinhosamente cultivados pelo mesmo dr. Prebisch (ver o artigo "Raul Prebisch, da vida para a história", Conjuntura volume 40, nº 5, maio 1986) também mantiveram o *status quo* básico antes e com o governo Perón. De modo que o retorno do caudilho seria inevitável. Quem poderia duvidar de sua vitória nas urnas? Apenas os que ignorassem a "política salarial de Perón no seu período justicialista conforme cifras da Cepal.

Os tempos, porém, eram outros, e o próprio Juan Perón, banhado na experiência que só o exílio político costuma dar, pretendeu retornar à realidade. Mas já era tarde demais. Velho, cansado de guerra, terminou cedendo às

Tabela 5 — Déficit da receita tributária em relação aos gastos públicos — Brasil, Argentina, México (%) 1947-1958

	Brasil	Argentina	México
1947	13	48	41
1948	14	105	50
1949	22	47	21
1950	25	37	5
1951	9	30	+6
1952	16	25	17
1953	25	32	19
1954	11	39	25
1955	15	34	3
1956	28	11	8
1957	24	24	19
1958			27

Fonte: CEPAL.

Tabela 6 — Auge e queda da Argentina em relação ao Brasil e América Latina 1928-1959 — índice 1955 = 100

Ano	América Latina	Brasil	Argentina
1928-29	38	38	53
1932	35	37	46
1940	50	52	62
1945	61	60	71
1950	80	78	90
1951	85	83	93
1952	86	86	87
1953	89	89	92
1954	95	96	95
1955	100	100	100
1956	105	105	100
1957	111	115	104
1958	116	125	107
1959	119	134	101

Fonte: CEPAL.

pressões da burocracia partidária. Surgiu então o Pacto Social apoiado na poderosa Confederação Geral Econômica, dirigida pelo empresário José Ber Gelbard, uma espécie do Plano Austral ou Cruzado. Depois se sucederam outros

pactos sociais. O último deles seria o do general Bignone e do economista Dagnino Pastore. Apenas com uma fugaz interrupção — 1976 os militares tentariam reduzir o déficit público e enfrentar a causa básica da inflação. Assim, re-

conhecendo-se o déficit consolidado como a causa primária da expansão monetária, a gestão econômica pôde reduzi-lo de 14% do PIB (1975) para 3% em 1977. Então a inflação desceu dos 443,2% (1975) para 176%, em 1977.

Até aí durou a resistência ao furor estatal. Subitamente atraídos a uma guerra com o Chile, os militares elevaram os gastos com armas a uns US\$5 bilhões. Além disso, por razões de segurança nacional, ampliaram os investimentos nos setores de energia elétrica, petróleo, telecomunicações etc.

Outros bilhões de dólares foram também queimados em projetos faraônicos como o da gigantesca mineração de ferro de Sierra Grande, na província do Rio Negro.

Pouco antes, grupos privados depois de uma análise de viabilidade haviam abandonado o também chamado projeto de Hipasan. Mas os militares retomaram a idéia e aí despejaram cerca de US\$700 milhões, sem que nada daquilo servisse para algo útil, segundo o testemunho de um ex-ministro da Fazenda.

Enfim, nada mudava em matéria de dispêndio, vale dizer de desperdício público. Em Buenos Aires, um conhecido líder empresarial, na época presidente da Câmara Argentina de Comércio, Armando Braun, diagnosticou a problemática nacional. Disse-me ele:

"Logo após a II Guerra Mundial, montou-se na Argentina uma

estrutura econômica que foi mantida quase sem variações por todos os governos, até mesmo os supostamente monetaristas, que sucederam Perón desde 1955. Graças a isso, o Estado se converteu em industrial, comerciante, prestador de serviços, banqueiro e construtor, com total descuido, porém, de suas funções específicas."

Realmente, com muito mais força e ênfase do que em qualquer outro país latino-americano, exceto Cuba, o governo argentino ainda hoje controla centenas de empresas e atividades como petróleo, gás, carvão, eletricidade, água, ferrovias, metrô, transportes marítimos, aéreos, bancos, seguros, resseguros, siderurgia, petroquímica e comunicações.

Tudo isso em nome da felicidade e do bem-estar geral da Nação.

Quais os resultados dessa cadeia de felicidade? No início do atual governo, as empresas estatais consumiam tudo o que arrecadavam no pagamento do pessoal.

Algumas delas iam muito além disso, como a Ferrocarriles Argentinos, metrô de Buenos Aires, Líneas Marítimas Argentinas, Aerolíneas Argentinas, Flota Fluvial, Talleres de Reparaciones Navales etc.

Naturalmente, cabe ao povo pagar pesada fatura por tanto descontrole. De que forma?

Assistindo ao lento e gradual processo de debilitamento de sua economia.

Em 1970, por exemplo, o PIB *per capita* argentino representava cerca de 24% em relação aos países da OCDE; em 1986, depois de três lustros de experiências heterodoxas mal se aproximava dos 16%. Em 1960, o mesmo PIB *per capita* era quase o dobro do produto da região; atualmente, os argentinos empatam com o PIB regional. Em 1960, o PIB *per capita* argentino (US\$ 1.943) esmagava o brasileiro com seus pobres US\$ 981; estimativas da OEA, em 1986, já apontavam a superioridade do Brasil: US\$ 2.525 contra os US\$ 2.378 da Argentina (tabela 3). Seu comércio

exterior é hoje uma sombra do passado: este ano suas exportações serão menores que as do Chile.

Em poucas palavras: durante décadas e décadas o Estado pretendeu fazer tudo e não fez nada. Depois de sufocar a liberdade econômica pode até mesmo sufocar a liberdade política. Mas foi impotente para opor-se ao estancamento econômico. Enfim, a Argentina é um caso exemplar de modelo econômico que não deve ser esquecido. Como dizia Anatole France, "o passado é a única realidade humana".

A CONJUGAÇÃO INTELIGENTE ENTRE O INTERESSE DO ESTADO E A EFICIÊNCIA DA INICIATIVA PRIVADA



Esse o segredo do empreendimento cujo sucesso representou a solução cabal do grave problema crônico de fabricação de munições de artilharia no Brasil.

A FI é uma empresa privada de capital nacional, que opera instalações industriais da Marinha, sob regime de arrendamento, estando apta a produzir munições na faixa de 35mm a 155mm.



FI INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Esc. Av. Rio Branco, 26 - 8º andar - Rio de Janeiro - Brasil
CEP 20090 - Tel.: (021) 233-1188 - Telex: (021) 23997 FIILBR

Fáb. Av. Brasil, km 45 - CEP 23000 - RJ - Tel.: (021) 394-9797